

**DISCUSSÕES SOBRE IMPACTOS DA INDÚSTRIA CULTURAL NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

***DISCUSSIONS ON IMPACTS OF THE CULTURAL INDUSTRY ON
PEDAGOGICAL PRACTICE***

***DISCUSIONES SOBRE IMPACTOS DE LA INDUSTRIA CULTURAL EN LA
PRÁCTICA PEDAGÓGICA***

Beatriz Abreu

bmaabreu.prof@gmail.com

Mestranda em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena. Professora de Língua Portuguesa e Eixo Integrador Inter-áreas no Serviço Social da Indústria (SESI-SP)

RESUMO

Este artigo trata de inquietações docentes quanto ao emprego de produtos da Indústria Cultural na prática pedagógica. Seu objetivo é analisar e questionar os efeitos didáticos e sociais da cultura promovida pela mídia e recursos tecnológicos. Para tanto, através de pesquisa bibliográfica e exploratória, com abordagem qualitativa, relaciona o panorama sociopolítico brasileiro contemporâneo ao da Alemanha nazista e estabelece diálogo entre os estudos de Theodor Adorno (1947) e Paulo Freire (1982, 1999, 2019). Discorre sobre “entretenimento”, “arte elitizada” e “cultura de massas”, bem como as mudanças de fruição estética geradas pelos meios de comunicação, sobretudo rádio, televisão, Internet e plataformas de *streaming*. Os resultados mostram que considerar as referências culturais dos estudantes favorece uma educação cuja linguagem acessível comunica, promove o senso crítico, faz refletir e, por isso, emancipa.

Palavras-chave: Indústria Cultural. Educação. Liberdade Theodor Adorno. Paulo Freire.

ABSTRACT

This article deals with teachers' concerns regarding the use of Cultural Industry products in pedagogical practice. Its objective is to analyze and question the didactic and social effects of culture promoted by media and technological resources. For that, through bibliographical and exploratory research, with a qualitative approach, it relates the contemporary Brazilian sociopolitical panorama to that of Nazi Germany and establishes a dialogue between the studies of Theodor Adorno (1947) and Paulo Freire (1982, 1999, 2019). It discusses "entertainment", "elite art" and "mass culture", as well as the changes in aesthetic fruition generated by the media, mainly radio, television, Internet and streaming platforms. The results show that considering the cultural references of students favors an education whose accessible language communicates, promotes critical thinking, causes reflection and, therefore, emancipates.

Keywords: Cultural Industry. Classroom. Freedom. Theodor Adorno. Paulo Freire.

RESUMEN

Este artículo trata sobre las preocupaciones de los docentes con respecto al uso de productos de la Industria Cultural en la práctica pedagógica. Su objetivo es analizar y cuestionar los efectos didácticos y sociales de la cultura promovida por los medios y los recursos tecnológicos. Para ello, a través de una investigación bibliográfica y exploratoria, con enfoque cualitativo, relaciona el panorama sociopolítico brasileño contemporáneo con el de la Alemania nazi y establece un diálogo entre los estudios de Theodor Adorno (1947) y Paulo Freire (1982, 1999, 2019). Aborda el "entretenimiento", el "arte de élite" y la "cultura de masas", así como los cambios en el disfrute estético generados por los medios, principalmente radio, televisión, Internet y plataformas de streaming. Los resultados muestran que considerar los referentes culturales de los estudiantes favorece una educación cuyo lenguaje accesible comunica, promueve el pensamiento crítico, provoca la reflexión y, por tanto, emancipa.

Palabras clave: Industria Cultural. Educación. Libertad. Theodor Adorno. Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

As ideias de uma educação emancipatória, postuladas por Paulo Freire (1999), atraem docentes que reconhecem a necessidade de se construir práticas pedagógicas favoráveis à libertação social. No vigente e conturbado cenário político brasileiro – em que o negacionismo e as *fake news* disseminaram-se pelo país – muitos professores, apesar das constantes acusações de “doutrinação”, têm redobrado esforços para estimular a consciência e o pensamento crítico nos estudantes. A luta contra a manipulação histórica – propositalmente instaurada para validar um plano político que se mostra antagonista à ciência e à cultura – suscita discussões pertinentes envolvendo questões pedagógicas e sociológicas, não como temas afins, mas complementares e indissociáveis. A educação constitui-se, portanto, como instrumento fundamental para romper a dinâmica perversa de alienação e manipulação do povo.

A Indústria Cultural, termo cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947), utiliza os meios de comunicação para satisfazer interesses capitalistas – transformar cultura em produto a ser amplamente comercializado, visando o lucro. Trata-se de um poderoso mecanismo de massificação que perpassa as esferas sociais, inclusive a escolar. Com o advento da Internet e a popularização das redes e plataformas de *streaming*, as relações mercadológicas intensificaram-se e novos desafios surgiram, inclusive na área educacional. Ao considerar o repertório dos estudantes, sob a perspectiva freiriana de que o aluno carrega uma bagagem de conhecimento que jamais deve ser ignorada, é inevitável deparar-se com os resultados da Indústria Cultural.

Este artigo não busca definir técnicas de ensino-aprendizagem que driblem a Indústria Cultural. Além de pretenciosa, seria uma proposta infactível, pois o sistema estabelecido tornou a prática do consumo automática. Se meramente negar a realidade não a transforma, é através da discussão intencional que se movimenta a existência coletiva. Assim, a relevância deste artigo consiste na fundamentação teórica e análise social, através das quais levanta questionamentos consequentes da prática pedagógica: Como um artefato de dominação pode estar a serviço de uma pedagogia libertadora? De que formas é possível apresentar novas referências culturais aos estudantes sem que o educador adote uma postura detentora do conhecimento? As inquietações que serão discutidas pautam-se, basicamente, em Adorno e Freire - e na busca incansável por uma educação humanizada, capaz de recriar possibilidades em sala de aula e favorecer a conquista da liberdade.

METODOLOGIA

Primeiramente, uma aula a respeito de “Teoria crítica da sociedade” e seus desdobramentos atuais, ministrada pela Profa. Dra. Bruna Della Torre de Carvalho Lima, no 1º semestre do Mestrado Profissional em Artes da Cena na Escola Superior de Artes Célia Helena. Sendo assim, através de pesquisas bibliográficas com abordagem qualitativa sobre o conceito de Indústria Cultural, postulado por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947), e das ideias freirianas sobre uma educação emancipatória (FREIRE, 1982, 1999, 2019), este artigo apresenta uma reflexão crítica no que concerne aos impactos sociais e pedagógicos consequentes da Indústria Cultural. Analisa a mercantilização da arte, acelerada por plataformas de *streaming* e redes sociais que promovem conteúdos massificados e contribuem para a persistência da dominação de classes.

Por outro lado, contrapõe as ideias dos pensadores supracitados, reconhecendo que a Indústria Cultural faz parte do repertório dos estudantes e ignorá-la seria, portanto, excluir a bagagem de manifestações sociais e artísticas que os discentes carregam. Além disso, admite que todos os indivíduos – inclusive os educadores – são influenciados pelo fenômeno. Relaciona a teoria à prática ao relatar um trabalho realizado em sala de aula, o qual partiu de uma sugestão dada por um grupo de estudantes do Ensino Médio. Assim, manifesta-se o caráter exploratório da pesquisa, cuja análise comparativa sobre as ideias apresentadas abre espaço para novas discussões e provoca educadores para um processo de ensino-aprendizagem horizontal, contemporâneo e dialógico com as culturas juvenis.

ATO ÚNICO: INQUIETAÇÕES DOCENTES QUANTO ÀS TEORIAS DE ADORNO E FREIRE NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Se você não está pagando pelo produto, então você é o produto.

Andy Lewis

1º Quadro – Panorama sociopolítico brasileiro comparado à Alemanha nazista

Em 1919, após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, constituiu-se um modelo de governo republicano cujo intuito era reestruturar a economia e a política do país. Ocorreu, então, uma assembleia constituinte na cidade de Weimar que estabeleceu o Parlamento e a Assembleia como entidades de poder central. A efervescência política consolidava-se pela polarização de dois grupos: trabalhadores

e simpatizantes do marxismo, os quais chegaram a organizar a Revolução Alemã (1918 e 1919), brutalmente impedida pelo exército republicano, e adeptos às ideias nazistas propagadas por Adolf Hitler. Durante a República de Weimar, a inflação trouxe prejuízos à economia alemã. A desvalorização monetária reduziu o poder de compra dos assalariados e engendrou o desemprego. No entanto, o grande fomento cultural do período também ganhou destaque no meio acadêmico. O Instituto de Pesquisa Social, fundado por Felix Weil, filho de um comerciante abastado, abrigou a Escola de Frankfurt, que desenvolveu algumas linhas de investigação acerca da teoria crítica da sociedade.¹ Nas décadas de 1930 e 1940, a ascensão do nazismo motivou estudos relevantes sobre as tendências autoritárias do proletariado. De acordo com Bruna Della Torre (2020), Horkheimer e outros pesquisadores buscavam entender

[...] o modo como a contradição entre capital e trabalho – que entediam [*sic*] ainda ser o fundamento do capitalismo – não tinha a luta de classes como um resultado imediato. Ao contrário, a classe trabalhadora parecia agir cada vez mais contra os próprios interesses. Nos anos de 1930, as pesquisas do Instituto passaram a girar em torno da compreensão de elementos que consideravam regressivos na classe trabalhadora, que teria levado parte dessa classe a tomar o partido de Hitler. (TORRE, 2020).

É notória a semelhança com a conjuntura atual do Brasil, sobretudo desde a candidatura e a posterior eleição de Jair Messias Bolsonaro à Presidência da República, em que discursos ligados à direita conservadora, com forte apoio popular, ameaçam as instituições democráticas. Na Alemanha, o regime nazista perseguiu intelectuais, obrigando-os a deixarem o país. Curiosamente, Paulo Freire – Patrono da Educação Brasileira – tem sido sordidamente criticado pelos grupos que ocuparam

¹ A contextualização do tema e o conceito de Indústria Cultural foram apresentados em aula sobre “Teoria crítica da sociedade” e seus desdobramentos atuais, ministrada pela Profa. Dra. Bruna Della Torre de Carvalho Lima, no 1º semestre do Mestrado Profissional em Artes da Cena (2020), da Escola Superior de Artes Célia Helena. Alguns apontamentos pessoais realizados durante a aula serviram de base para estruturação deste artigo.

o poder nacional após as eleições de 2018.² A ideia de educar para a liberdade representa perigo àqueles que planejam dominar a consciência social, transformando-a em mão de obra barata que, involuntariamente, corrobora o seu próprio dano. Boa parte do professorado está atenta ao panorama sociopolítico e compreende que “a educação enquanto ato de conhecimento é também e por isso mesmo um ato político” (FREIRE, 1982, p. 97). Valorizar a arte e fortalecer a cultura nos espaços escolares tornaram-se preceitos ainda mais necessários. Porém, surgem algumas inquietações: O capitalismo e os governos opressores não se mantêm no poder apenas pelos sistemas consolidados, mas também pela cultura oferecida. Utilizá-la como recurso pedagógico não seria uma maneira de encorajá-la e, conseqüentemente, contribuir para a persistência da dominação de classes? A arte como entretenimento, difundida profusamente pelos meios de comunicação, pode agregar criticidade no processo de ensino-aprendizagem? Sentenciar as referências culturais trazidas pelos alunos como produto alienante equipara a prática pedagógica à educação bancária?³ Existe algum nicho social⁴ cujo conhecimento e/ou formação o torne imune às influências dos meios de comunicação de massa? Não existem respostas prontas nem simples para discussões que envolvem diferentes contextos. Daí o caráter reflexivo e questionador deste artigo.

² Um exemplo foi a declaração que o presidente Jair Messias Bolsonaro concedeu a jornalistas em frente ao Palácio do Alvorada, chamando o educador de “energúmeno”. (Informações encontradas em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4o4YONa9byg>>. Acesso em dezembro de 2020).

³ Segundo Freire, “Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. [...] O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem” (FREIRE, 2019, p. 81).

⁴ Subentende-se, aqui, referência à classe docente e artística.

2º Quadro – A pesquisa de Adorno, seus desdobramentos atuais e a prática pedagógica

Durante seu exílio americano, Adorno entrou em contato com o projeto do rádio, o qual pesquisava os impactos sociais e políticos da mídia massificada. Em seus estudos, apontou as relações mercadológicas como um fator preponderante para a depreciação da cultura (TORRE, 2017, p. 56). Tratada como mero item de compra e venda, a sua ampla distribuição favoreceu o fortalecimento de padrões – fenômeno que ganhou ainda mais intensidade com as plataformas de *streaming*, *Spotify*, *Deezer* e *Netflix*, por exemplo, nas quais os comportamentos repetitivos dos usuários tornam-se protótipos para futuras indicações feitas por algoritmos. É comum associar alguns gêneros musicais - como *funk*, *pagode*, *pop* e *sertanejo* - à cultura de massa, por possuírem menos prestígio nos redutos intelectuais – fruto ideológico que associa cultura a erudição. Porém, Bruna Della Torre afirma que

O problema principal daquilo que viria a ser nomeado de “indústria cultural” não é somente a padronização de seus produtos, a perda da autonomia da arte frente a indústria do entretenimento e [*sic*] etc., mas a transformação do próprio modo como se experimenta a arte. Se um dia a experiência estética esteve ligada à constituição subjetiva – de membros da burguesia –, a importância de se compreender o sentido imanente de uma música esteve ligada não só a uma questão estética, mas a um modo de organização da experiência como um todo. O fato de que isso era um privilégio de classe não é definitivo nesse argumento, porque privilégios de classe continuaram existindo, até mesmo no capitalismo tardio, mas a experiência perdeu-se cada vez mais e em todas as classes. (TORRE, 2017, p. 63)

Se, por um lado, a tecnologia facilitou o acesso a diferentes linguagens artísticas, por outro, tornou a experimentação – na melhor das hipóteses – supérflua. Não importa a classe social, faixa etária, formação acadêmica ou profissão – o sistema

capitalista ancorou-se na indústria do entretenimento, da qual todos os indivíduos são consumidores. Adorno e Horkheimer (1947, p. 58) referem-se à Indústria Cultural como um sistema formado pelo cinema, rádio e revistas. Pode-se acrescentar a essa estrutura: literatura comercial (os chamados *best-sellers*), moda, música, televisão e, sobretudo, internet e suas ferramentas, com destaque para as redes sociais. Basicamente, o capitalismo expandiu seus métodos fabris para o setor cultural, reduzindo-o a entretenimento propulsor da dominação. Segundo Alexandre Fernandez Vaz, a consequência é uma substituição desproporcional:

Em lugar da esperança e da utopia, (...) a banalidade do já conhecido, a repetição incessante, os clichês, os lugares-comuns, os excessos, a redundância daquilo que é pouco complexo, o sempre igual repetido incessantemente como um círculo infernal. (FERNANDEZ VAZ, 2006, p. 16)

De fato, viver sob o sistema capitalista é integrar-se às mazelas das estereotípias que padronizam comportamentos e formas de se relacionar com o mundo. Nas palavras de Adorno e Horkheimer

A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la. É por isso que ela se funde com a publicidade. Quanto mais destituída de sentido esta parece ser no regime do monopólio, mais todo-poderosa ela se torna. Os motivos são marcadamente económicos [sic]. [...] A publicidade é seu elixir da vida. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 76)

É a essa cultura industrial – e, por isso, controladora e prescritiva, cujo fito é adaptar em vez de deslocar – que os estudantes e toda a sociedade, inclusive professores e artistas, estão expostos. No capítulo *A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas* lê-se: “O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 59). A

lógica dominante é antagônica à visão de Paulo Freire que, embora direcionada a adultos, inspira a humanização das práticas pedagógicas em todos os níveis. Para Adorno, a conclusão é pessimista, sendo os efeitos da Indústria Cultural irreversíveis, devido a seu caráter sistêmico. Fernandez Vaz acrescenta que, nesse contexto,

Nenhum esforço de compreensão deve ser exigido, aliás, todo empenho nessa direção deve ser vedado, qualquer relação com o objeto que demande reflexão ou mediação estética para além da superficialidade, deve ser denegada. (FERNANDEZ VAZ, 2016, p. 17)

No entanto, a educação tem um ímpeto esperançoso e revolucionário. Segundo o pensamento freiriano,

A liberdade é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. [...] É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (FREIRE, 2019, p. 46)

Ser livre não significa isenção absoluta – não há ser humano inatingível quanto aos efeitos do entretenimento manufaturado. A luta por liberdade está associada ao resgate da consciência – assumir o papel de sujeito agente enquanto os meios de comunicação divertem para não fazerem pensar e, assim, impulsionam a passividade. Segundo os estudiosos alemães, “Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até mesmo onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base. É na verdade uma fuga [...] da última ideia de resistência que essa realidade ainda deixa subsistir” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 68). Reconhecer o processo de modelagem para, então, combatê-lo é um legado fundamental da educação. Paulo Freire defende “o homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do *ser mais*” [grifo do autor].

(FREIRE, 2019, p. 101) Saber-se mercadoria é motivo categórico para recriar possibilidades pedagógicas e artísticas que amparem o compromisso de superar a inércia gerada pelo riso programado.

Nos espaços educativos, muitos professores encontram, na arte, formas de estimular o senso crítico. Filmes, músicas, textos e outras linguagens são frequentemente utilizadas⁵ para aprofundar, exemplificar e discutir temas tratados em aula. Tais recursos aproximam professores e alunos, pois o conhecimento transpõe as fronteiras dos recintos tradicionais de ensino-aprendizagem e desloca-se para o mundo palpável. Além disso, as referências trazidas pelos estudantes, mesmo que correspondam a produtos explícitos da Indústria Cultural, sustentam a dialética – elemento intrínseco à educação que comunica: entende e faz-se entender. Não se trata de permanecer limitado ao repertório derivado da vivência cotidiana, mas empregá-lo como ponto de partida – promover reflexões e deslocamentos a partir dele. Contudo, torna-se apropriado questionar: O objetivo é, de fato, considerar válidas e relevantes as indicações culturais dos alunos para o desenvolvimento da criticidade? Usá-las como artifícios a fim de facilitar a introdução de produtos artísticos e tecnológicos admirados pelo professor corresponde a educar para a liberdade? Novamente, a pretensão deste artigo não é esclarecer dúvidas, mas provocá-las.

É interessante notar que, para Adorno, a Indústria Cultural não pode ser rompida pela arte elitizada, pois não corresponde somente à “cultura de massa”. Vaz esclarece que os pensadores alemães “Não se referiam, portanto, a uma cultura que vem das massas, mas, essencialmente, a um conjunto de artefatos produzido para as massas consumidoras” (FERNANDEZ VAZ, 2016, p. 15). Bruna Della Torre afirma que “a falsa identificação entre a indústria cultural e a “cultura popular” leva às

⁵ A escolha do termo “utilizadas” foi intencional e não poderia, nesse contexto, ser substituída por “usadas”. A ideia de “utilizar” é “tornar útil”. Atribuir utilidade aos recursos tecnológicos e midiáticos é uma estratégia frequentemente adotada nos diversos níveis de ensino.

conclusões igualmente falsas de que [...] a “cultura popular” é reificada (porque a indústria cultural o é) e seu oposto é a alta cultura” (TORRE, 2017, p. 117). Associar entretenimento alienante às classes baixas demonstra a ignorância da burguesia contemporânea que não se admite genérica. Ademais, vincula-se às ideias equivocadas e preconceituosas de que apenas os economicamente desfavorecidos consomem arte reduzida a comércio, ou que todas as produções que adquirem ampla repercussão entre o público possuem qualidade inferior. Para ilustrar, em certa ocasião, um repórter, de modo inconveniente e obstinado, questionou o músico Rodrigo Amarante (integrante da banda Los Hermanos), sugerindo que o grupo se incomodava por ser lembrado pela música Ana Júlia. Após várias respostas negativas, Amarante declarou (segue a transcrição):

[...] nunca tivemos problemas com isso. Só que é comum, no Brasil, as pessoas acharem que fazer sucesso é uma coisa ruim, negativa, porque “[...] se faz sucesso não deve ser bom” e isso é uma ingenuidade, tanto da imprensa, quanto das pessoas de achar [sic] que se tornar público ou ser muito conhecido é uma coisa ruim [...]” (AMARANTE, 2020).

De fato, observa-se a tendência de duvidar e até mesmo desqualificar produções que alcançam grande audiência, como se apenas estas fossem resultado da Indústria Cultural. Enquanto Hermeto Pascoal é aclamado em nichos específicos, por exemplo, cantores que atingem as grandes massas, como Anitta e Pablo Vittar, são encarados como de qualidade artística inferior.

Apresentar, em sala de aula, clássicos literários, célebres sinfonias e concertos, filmes e espetáculos alternativos não é suficiente para liquidar o sistema da Indústria Cultural. Não se pretende, com isso, dizer que é inútil apresentar nomes e obras do cânone mundial ou que a análise de letras escritas por Chico Buarque,⁶ por exemplo, e de produções cinematográficas alternativas/independentes de nada servirão para

⁶ Compositor, intérprete e escritor que, apesar de pertencer ao meio “popular”, é estimado por comunidades de artistas e intelectuais brasileiros.

elaborar um posicionamento crítico nos discentes, mas que “todos os produtos distribuídos gratuitamente pela indústria cultural, sejam eles uma sinfonia de Beethoven ou uma música da Beyoncé, são igualmente, no sentido da função que passam a exercer, uma mercadoria como outra qualquer” (TORRE, 2017, p. 116).

Apresentar artistas e promover debates acerca de seus feitos são maneiras de somar experiências de fruição estética aos estudantes. Entretanto, mais urgente que tornar conhecida a arte não comercial, é dispor de recursos, estratégias e linguagens acessíveis à comunidade escolar – ou seja, é necessário que os temas, exemplos e indicações façam sentido aos alunos, considerando que cultura e meio são elementos antidicotômicos. Atentar-se ao contexto social do grupo é indispensável para que o processo de ensino-aprendizagem seja coeso à realidade. A afirmação de Freire (2019, p. 95): “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, rememora que os educadores não detêm o conhecimento e que seus saberes não possuem valor superior aos dos estudantes. Assim, analisar coletivamente as referências culturais trazidas pelos discentes – sob uma perspectiva crítica e delatora – pode lhes servir de alerta acerca das táticas de dominação empregadas pelo sistema capitalista; contudo, há probabilidade de que o excesso de tal prática distancie professor-aluno, à medida que as ideias daquele parecem sensatas e as deste, tolas e, por isso, alienantes. Fazer com que um grupo social se julgue dependente da sagacidade ou senso crítico de terceiros também é uma forma de opressão. Em vez disso, procurar mensagens instigantes nas produções contemporâneas e abrir-se a novas possibilidades horizontaliza as relações. Tomo liberdade para narrar de forma sucinta um fato ocorrido em 2019. Leciono o componente Língua Portuguesa na Escola Sesi-Cerquillo. Todos os anos, a rede Sesi-SP promove a Semana do Livro e da Biblioteca (SELIBI), em que homenageia um autor previamente selecionado. Em 2019, Ziraldo foi o escolhido pela

sede, em São Paulo. Com o Ensino Médio, construí uma análise mais sociológica das obras – inclusive das produções em *O Pasquim*. Um grupo de alunas do primeiro ano decidiu estudar as representações da figura feminina, segundo o escritor, e trouxe para a sala de aula a música *Respeita as mina*, interpretada por Kell Smith. (MIDAS Music; SMITH, 2017) A livre escolha feita pelas estudantes engajou os colegas e propiciou debates sobre problemáticas importantes, como os papéis que as mulheres ocupam na sociedade, os estereótipos que carregam e como sofrem objetificação dos seus corpos. Não fazia parte do meu repertório – nem sequer conhecia a canção – mas o fato é que a letra apresenta uma mensagem potente sobre empoderamento feminino. Ademais, o fato de apresentarem uma música que pertence ao contexto dos estudantes e extraírem dela a possibilidade de discussões necessárias sobre equidade de gênero reforçou a horizontalidade das relações entre os participantes do processo de ensino-aprendizagem. É importante que os discentes percebam que também têm muito a ensinar e que o conhecimento é construído a partir da dialogicidade. As alunas organizaram figurinos, caracterizaram-se de personagens femininas encontradas nas obras de Ziraldo, coreografaram a música e gravaram um vídeo, que foi apresentado na escola. É indiscutível que a referência cultural trazida pelas estudantes foi muito significativa, porque comunicou.

A busca por inovação e facilidade de acesso encorajou diversos professores e artistas a fazerem uso de plataformas como *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* e, mais recentemente, *TikTok*. Canais e postagens sobre arte e outros temas relevantes permeiam o universo de conteúdos saturados das redes sociais e trazem a sensação de que o meio virtual movimentou a cultura, tornando-a mais democrática. As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), bem como a necessidade de compreendê-las, surgem na lista de prioridades de documentos oficiais da educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 9).

Gêneros textuais contemporâneos – *post, tweet, meme, playlist, podcast, vlog*, entre outros – desencadearam novas formas de interação com o mundo (BRASIL, 2018, p. 487), de modo que negar a cultura digital firma-se como um ato reacionário. Influências nocivas – especialmente as *fake news* – precisam ser urgentemente combatidas defronte a um governo opressivo. Diante de tantos questionamentos, a educação ocupa um papel preponderante na formação da criticidade e da ética. Num cenário negacionista, lidar com os impactos da Indústria Cultural na prática pedagógica não configura utopia, mas resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de sucateamento da cultura e educação, promovidas pelo governo federal, remetem o Brasil a práticas obscurantistas e opressoras. A crise da democracia – engajada por discursos populistas e *fake news* – trouxe implicações negativas aos professores, os quais enfrentam oposição por abordarem temas que visam combater o sistema dominante instaurado. Nesse panorama, os que realmente acreditam numa educação emancipatória, seguindo os preceitos de Paulo Freire – também desacreditado por grupos políticos de direita e seus apoiadores – buscam incessantemente recursos e práticas pedagógicas que desenvolvam e fortaleçam o senso crítico dos estudantes. Porém, os meios de comunicação e a tecnologia modificaram o modo como a sociedade produz e recebe as manifestações artísticas. A Indústria Cultural, termo cunhado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, discorre acerca do caráter fabril que reduz arte a entretenimento. A crítica de Adorno parece antagônica às ideias de Freire, pois se a cultura amplamente distribuída é uma forma

de manipulação social, usá-la como recurso pedagógico tende a consolidar os mecanismos de opressão.

Todavia, ponderar de maneira responsável acerca do que é Indústria Cultural atravessa fronteiras, pois o conceito não se restringe à “cultura de massas” – frequentemente associada a gêneros consumidos pelas classes baixas – mas a qualquer produção disseminada gratuita e velozmente, cuja fruição seja superficial. No contexto pedagógico, esse esclarecimento é elementar para que as referências culturais trazidas pelos estudantes sejam consideradas impulsionadoras da criticidade, em vez de julgadas como meros produtos alienantes. Reconhecer-se vulnerável aos efeitos da indústria do entretenimento torna a educação mais humanizada, no sentido que horizontaliza as relações entre professor-aluno e expande a disposição em conhecer o novo. Com a popularidade alcançada pelas redes sociais, as formas de conceber o mundo tornaram-se tecnológicas. A cultura digital trabalhada em sala de aula pretende desenvolver a ética e o domínio das interações virtuais. Apesar da adesão de artistas e educadores a plataformas e aplicativos de sucesso, apenas as experiências adquiridas ao longo do tempo revelarão se, de fato, é possível dominar aquilo que sistematicamente já dominou a humanidade; se o pensamento crítico pode ser alcançado através de telas e programas cujo objetivo é abstrair a capacidade de pensamento; e se a educação e a arte são capazes de reciclar o lixo promovido pela indústria cultural, de modo que os estudantes compreendam que a realidade é um espetáculo que não basta contemplar. Ser livre requer atuação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural como mistificação**

das massas. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 1947, p. 57-79. Arquivo encontrado em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialectica_esclarec.pdf>. Acesso em dezembro de 2020.

Los Hermanos e repórter – Entrevista sobre “Ana Júlia”. Canal de Márcio Eduardo. YouTube. 1 vídeo (00:02:25) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8wslhg_ofyw>. Acesso em dezembro de 2020.

Bolsonaro critica TV Escola e chama Paulo Freire de “energúmeno”. BAND Jornalismo 2019. YouTube. 1 vídeo (00:01:16) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4o4YONa9byg>>. Acesso em dezembro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018.

FERNANDEZ VAZ, A. REFLEXÕES DE PASSAGEM SOBRE O LAZER: NOTAS SOBRE A PEDAGOGIA DA INDÚSTRIA CULTURAL. **Pensar a Prática**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 13–26, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v9i1.122. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/122>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In. BRANDÃO, C. R. (org.) O educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LEWIS, Andy in **O dilema das redes**, prod. Netflix, dir. Jeff Orlowski, 89 min., Estados Unidos, Netflix, 2020.

Kell Smith – Respeita As Mina (Videoclipe Oficial). MIDAS Music. YouTube. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=respeita+as+mina>. Acesso em dezembro de 2020.

TORRE, Bruna. **Adorno, crítico dialético da cultura**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2017, p. 49-132.

TORRE, Bruna. As Leituras Elementares da Vida Acadêmica – A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. **Blog do Sociólogo**, 2020. [publicado em 06 abril de 2020]. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2020/04/06/as-leituras-elementares-da-vida-academica-a-teoria-critica-da-escola-de-frankfurt-por-bruna-della-torre/>>. Acesso em dezembro de 2020.